

European Nazarene
Bible College
Library

O ARAUTO DA SANTIDADE

ÓRGÃO OFICIAL EM PORTUGUÊS DA IGREJA DO NAZARENO / 1 DE ABRIL DE 1981



Longe esteja de mim glória —
a não ser na cruz de nosso Senhor Jesus Cristo.
— Gálatas 6:14

O ambiente tornava-se cada vez mais tenso. Referências outrora veladas, eram agora feitas em forma directa e por demais clara para receber outra interpretação menos dolorosa. Por mais que doesse aos ouvidos, ali estava: Jesus Cristo anunciava a Sua morte, não omitindo detalhes angustiosos.

Em alguns, o anúncio provocou desapontamento e confusão. Não era Ele o Filho do Deus vivo? Como poderia, então, tornar-Se vítima de forças humanas, todas de conhecida perversidade?

Deixar-Se-ia Deus vencer pelo homem?

Mas a avalanche de forças inimigas crescia e ameaçava sufocar o mundo dos discípulos.

Não foi por traição que muitos fugiram. Antes, por instinto de auto-preservação. Lucas registra que Pedro passou a seguir Jesus de longe. A que distância? Diríamos, a suficiente para abafar uma consciência atormentada, sem expôr a demasiado perigo a pele acovardada.

Para o apóstolo Pedro era inconcebível lembrar o Cristo que levantara da morte Lázaro, ou a filha de Jairo, ou o jovem de Naim, mas parecia agora incapaz de evitar a tragédia que se abeirava d'Ele.

Praticamente, todos fugiram. Nem desta vez se tratava de traição. Pensemos, antes, que fora por mágoa e desilusão profunda. Julgaram-nO eterno, e Ele agora admitia o fim: aclamaram-nO como Campeão da independência nacional, e já se desenhava no horizonte a silhueta da cruz.

A orfandade espiritual é trágica. Quando Deus desaparece do cenário da vida, ela encolhe-se toda e seca: como se paredes apertassem a nossa existência, cortando-nos a perspectiva de amanhã; e, além disso, toda a força e optimismo para o dia presente. O sentimento é de tal ordem, que o primeiro rei israelita se atirou contra a sua própria espada ao entrar em pânico porque Deus o abandonara. Foi decisão errada, mas descreve bem o desespero da alma sem Deus.

Em Lucas 22:28, lemos que os discípulos arranjaram, às pressas, duas espadas com as quais se prontificaram a defender a vida de Jesus—e a própria.

Armamento ridículo para a horda que avançava sem piedade. Mas quem era o inimigo?

Na mente de Jesus e do Deus Altíssimo, o inimigo não eram os homens que exigiam a morte do Senhor. Excedeu um acto de grandeza a oração de Jesus a Deus para que perdoasse aos homens que O acusavam. A guerra não era contra os homens, mas contra o pecado. Para esta calamidade, a espada era, é e será sempre nula. O corte da mão criminoso não transforma o ladrão; nem o corte da língua transforma o mentiroso. Diz-se que cerca de 85 por cento dos criminosos hoje encarcerados, deverão regressar à cadeia—dois ou três anos depois de serem soltos.

Jesus nunca combateu ou atacou homens, mas o mal que escraviza e avilta a pessoa.

Aquelas duas espadas foram apenas simbólicas. Jesus enfrentou e venceu a maior das guerras, com a única arma capaz de subjugar o poderio das trevas: o Seu próprio sangue. No dizer do sumo-sacerdote daqueles dias, convinha que um justo morresse por todo o povo.

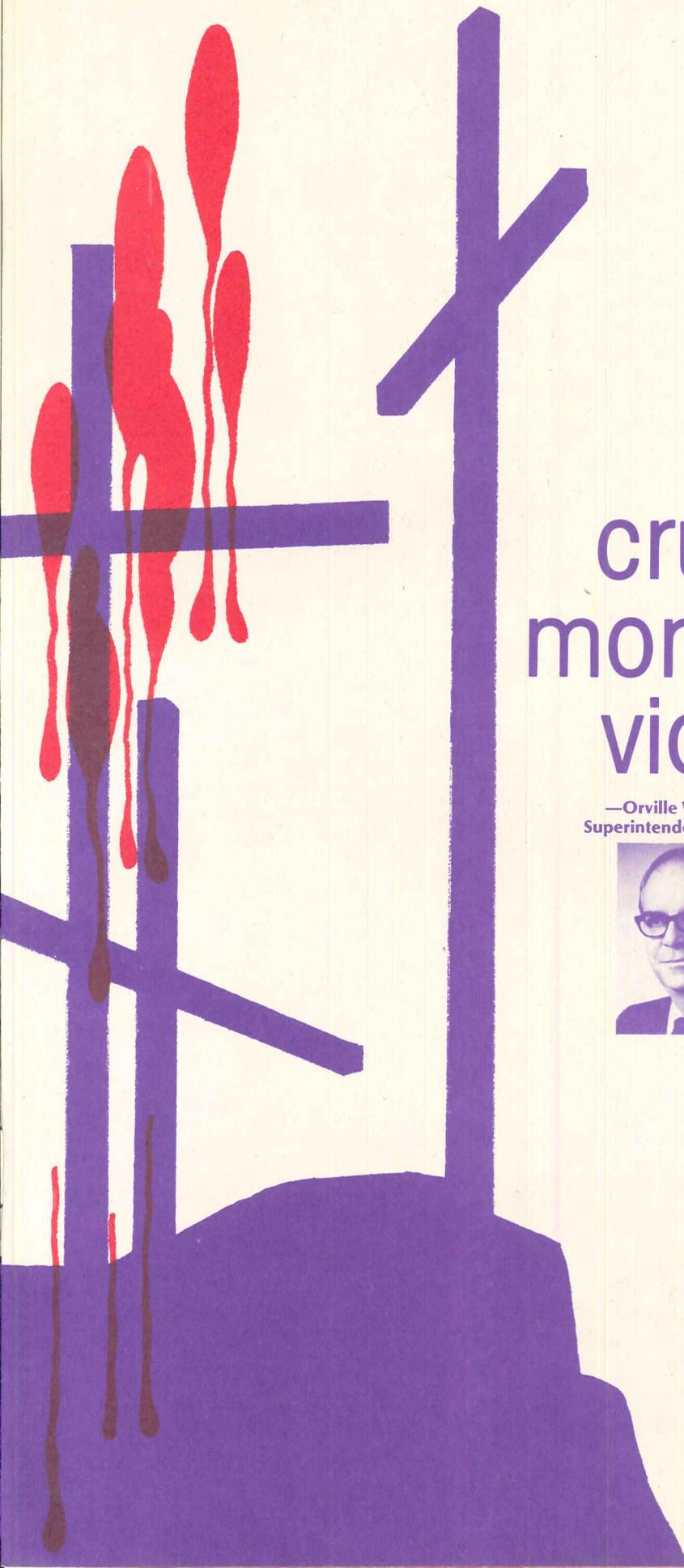
Ficava, assim, satisfeita a sentença de Deus, que condenara a raça humana por causa de desobediência e pecado. A turba exaltada que lançara o grito de morte, foi detida pelo jorro de perdão alimentado pelo Sangue do Calvário. Duas espadas—ou mesmo a bomba atômica—nada conseguiriam fazer. A arma da vitória sobre o mal é o Sangue de Cristo. E Ele nos amou tanto que o deu por mim e por ti. □

única arma

—Jorge de Barros

O hino diz:

*Como foi que me salvei?
Pelo precioso sangue.
Como paz com Deus achei?
Sempre pelo mesmo sangue.
Oh! Fonte sem igual
Que lava todo o mal.
Paz e perdão real
Tenho neste mesmo sangue.*



cruz, morte, vida

—Orville W. Jenkins
Superintendente Geral



A morte de Jesus no monte Calvário não foi simples acaso. João 3:16 declara: “Deus amou o mundo de tal maneira que deu o seu Filho unigênito, para que todo aquele que nele crê não pereça, mas tenha a vida eterna”. No coração e na mente de Cristo essa ideia era a mais importante. Nunca se esqueceu da cruz. Quando menino, numa viagem a Jerusalém, ficou para trás, sem os pais saberem. Depois de O terem procurado durante três dias, acharam-no no templo ouvindo e interrogando os doutores da lei. À ansiedade dos pais, Ele respondeu: “Não sabeis que me convém tratar dos negócios do meu Pai?” (Lucas 2:49).

A cruz de Cristo não foi uma opção, mas uma necessidade. As Escrituras confirmam-no referindo-se a Jesus como “o Cordeiro de Deus”, em João 1; “a serpente de bronze”, em João 3; e “o grão de trigo caindo na terra”, em João 12. Aludindo à cruz, disse de Si próprio: “Mas para isto vim a esta hora” (João 12:27).

Jesus não foi uma vítima indefesa da cruz. Ele aceitou e sofreu a ignomínia do Calvário, porque viu para além daquele momento. Vislumbrou a manhã gloriosa do terceiro dia. Contemplou o túmulo vazio e os anjos com vestes resplandecentes proclamando a mensagem de vitória: “Ele vive!”

Jesus sabia que o Seu sacrifício na cruz traria redenção do homem caído e abriria o caminho para Ele subir ao céu e enviar o Espírito Santo sobre os Seus seguidores.

Aceitou a cruz para prover a nossa redenção, purificar-nos do pecado, capacitar-nos para ser Seus discípulos e edificar Sua Igreja neste mundo.

A cruz e o sepulcro são sinais eloquentes da realidade do pecado, obra de Satanás. No entanto, a tumba vazia assegura-nos vitória sobre o pecado e a certeza de vida eterna. Jesus disse: “Eu vim para que tenham vida, e a tenham com abundância” (João 10:10). □

O ARAUTO DA SANTIDADE

Volume X

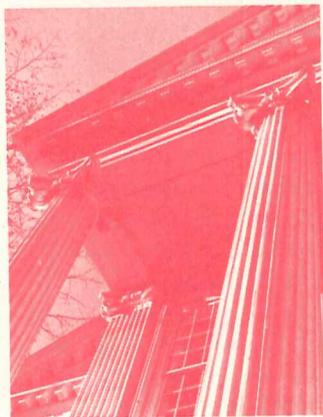
1 de Abril de 1981

Número 7

H. T. REZA, Director Geral
JORGE DE BARROS, Director
ACÁCIO PEREIRA, Redactor
ROLAND MILLER, Artista
**CASA NAZARENA DE
PUBLICAÇÕES**, Administradora

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) é o órgão oficial da Igreja do Nazareno nos países onde se fala o português. É publicado quinzenalmente pela Junta Internacional de Publicações da Igreja do Nazareno e impresso pela Casa Nazarena de Publicações, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri, 64109, E.U.A. Assinatura anual, U.S.\$2.00; número avulso, U.S.\$1.00. Favor dirigir toda a correspondência à Casa Nazarena de Publicações, P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141, E.U.A.

O ARAUTO DA SANTIDADE (USPS 393-310) is published semi-monthly by the International Publications Board—Portuguese—of the Church of the Nazarene. Printed at the Nazarene Publishing House, 2923 Troost Avenue, Kansas City, Missouri 64109, U.S.A. Subscription price: U.S.\$2.00 year in advance; single copy, 10 cents in American currency. Second-class postage paid at Kansas City, Missouri, 64141, U.S.A.



CAPA: Foto por Costas

ano do
Ministro

O AMOR É BENIGNO

—Charles Baldwin

Na Bíblia são mencionados vários actos de benignidade e de ternura. Em I Coríntios 13, o grande capítulo do amor, a benignidade é apresentada como a santidade em acção. O versículo quatro mostra a vivência do amor: "Este amor de que falo, não perde a paciência; procura até ser construtivo. Não é invejoso; não procura impressionar, nem alimenta ideias enfatuadas acerca da sua própria importância" (Phillips). O amor não o é simplesmente por "sofrer". Não se trata de passividade, mas de benignidade na sua perseverança e paciência.

No grego do Novo Testamento a palavra *benigno* deriva de outros dois termos: *chrestos*, que significa proveitoso, bom, agradável, gentil; e *chrao-mai*, que designa usar, agradar a alguém. Por isso, uma pessoa benigna é "aquela que presta serviço com cortesia". Neste sentido o amor é benigno!

O sofrimento ou a paciência do amor é o lado negativo do seu uso e serviço. A benignidade é o elemento positivo. A utilidade do amor é prestar serviço a outrem.

Orígenes, um dos pais da Igreja Primitiva, declarou que a palavra *amor* indica "ser amável com todos". Há cristianismo—incluindo a nossa Igreja—bom, mas não benigno! Uma pessoa pode ser religiosa, devota, fiel, teologicamente correcta, mas não bondosa. Muitas vezes as pessoas boas deixam-se dominar por espírito ou atitude de crítica, de aspereza e de falta de amor.

O amor é benigno! Há quem tudo suporte, mas com amargura e lástima de si mesmo. A vida de santidade provê o amor que tudo suporta com amabilidade. Então deixam de existir palavras amargas ou pensamentos de crítica. O amor divino, ao eliminar o egoísmo carnal, coloca na alma o verdadeiro sentido de necessidade e anseio. Estes só podem ser supridos pelas pessoas que amorosamente servem com paciência, com benignidade e com espírito altruísta.

A plenitude do amor não consiste apenas em ser paciente ou tolerante. Inclui determinação absoluta e vontade disciplinada! É amor benigno levar com paciência as pressões e problemas da vida—sem críticas nem atitudes negativas! Sofrer com alegria; sem rancor e com amabilidade! O amor é benigno no lar, na igreja e na vida diária, quando há propósito de salvação e bem-estar da humanidade. □

dê com generosidade





MOISÉS

a missão de

Pelo que lemos na Bíblia, Moisés foi o primeiro missionário. Deus enviou-o aos israelitas do Egito para os libertar da escravidão e para os animar a adorar o Deus verdadeiro.

Aceitando a chamada, Moisés adoptou os filhos de Israel como seu povo. O Senhor usou-o como Seu mensageiro. Segundo estudiosos da Bíblia, antes da intervenção de Moisés, os hebreus adoravam *El Shaddai*. Não reconheciam Jeová como seu Deus.

Moisés faz-nos lembrar o apóstolo Paulo em Atenas quando declarou aos seus ouvintes: "Esse Deus desconhecido que vós honrais, não o conhecendo, é o que eu vos anuncio" (Actos 7:23). Paulo foi um missionário enviado aos gentios e cumpriu bem a sua missão.

Ao escrever sobre missões cristãs, H. H. Rowley disse: "Quando os missionários chegaram à China identificaram Deus com Shang Ti da religião oriental. Ainda hoje nas Bíblias de maior divulgação na China, aparece Shang Ti em vez da palavra Deus".

Moisés, Paulo e outros missionários cristãos começaram por identificar o povo com Deus e, depois, apresentaram a mensagem. A sua tarefa foi dupla: identificar na mente dos ouvintes o verdadeiro Deus com o conceito que tinham da divindade. Depois, possuir autoridade suficiente para proclamar a mensagem.

Como conciliar Deus com o povo? (1) Fazendo-o compreender que Deus não é resultado de ideia ou raciocínio subjectivo. Deus vive no coração, mas também é algo objectivo que não fabricamos nem imaginamos. (2) Reconhecendo que o Seu poder e interesse na existência humana é real e não fictício. Quando o homem se aproxima de Deus e o Senhor vive na sua alma, os seus pensamentos e propósitos mudam por completo. Aquele que mentia, passa a dizer a verdade. O que roubava, deixa de furtar e restitui. O criminoso converte-se em nova criatura, um filho de Deus pela fé em Cristo.

(3) Descobrimo que Deus opera na alma não de forma temporal e limitada, mas permanente. Quando Deus faz parte de nós mesmos, deixamos de estar sós ou separados d'Ele. O que Ele é, desejamos ser. O que Ele nos manda, fazemos. O que Ele quer, queremos nós.

Uma vez assentes estes princípios, proclamemos o conteúdo do Evangelho:

Deus enviou Seu Filho ao mundo.

Cristo, o Filho de Deus, é Salvador.

Todos temos acesso a Ele.

Podemos aceitá-LO, hoje mesmo.

Recebendo-O por fé tornamo-nos novas criaturas. "A todos quantos o receberam, deu-lhes o poder de serem feitos filhos de Deus, aos que crêem no seu nome" (João 1:12).

A missão de Moisés é também a nossa: fazer que o povo reconheça o Senhor como seu Deus e Lhe consagre a vida presente e futura. □

—H. T. Reza

TRIUNFOU O AMOR

—Luis D. Salem

A Semana Santa não só nos fala da cruz, da traição de Judas, da negação de Pedro, dos açoites e da morte de Jesus, mas também de amor, paz, perdão e vitória. A Vítima Inocente levanta-Se do sepulcro, aparece aos Seus discípulos e diz-lhes que levem a Sua mensagem de amor a todas as nações.

Não é exagero afirmar que o caminho que Cristo percorreu desde Getsemane até ao Calvário foi o campo de batalha em que se enfrentaram o amor e o ódio.

A princípio a vitória pertenceu aos violentos. Um deles, Judas, passou às fileiras do inimigo. Pedro—quem diria?—desembainhou a espada e cortou a orelha dum criado. Cristo ficou só. Tão só que em dado momento exclamou: “Deus meu, Deus meu, por que me desamparaste?” Um pouco antes dissera: “Pai, se queres, passa de mim este cálice” (Lucas 22:42). Frase que segundo os estudiosos da Bíblia denota quebrantamento interior.

Porém, recordemos que entre os apupos de ódio se ouviam ecos de amor, esboçados nestas frases: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem”; “Em verdade te digo que estarás comigo, hoje, no Paraíso”; “Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito”; “Mulher, eis aí o teu filho”; João, “eis aí tua mãe”. Estas palavras rompem as malhas do ódio para vincarem o amor materno, o “mais excelente”. Testemunho de amizade nos legou José de Arimateia, ao pedir o cadáver da Vítima, para o depositar no seu próprio sepulcro que os amigos cobriram de flores e de unguentos aromáticos.

Apesar disso, a violência não cedeu. “Mete a tua espada na bainha”, disse Jesus a Pedro no momento em que este cortara a orelha direita dum servo do sumo sacerdote. “Com esta acção”, explicou-me certo amigo, “Pedro cometeu pelo menos quatro erros imperdoáveis: Enganou-se na vítima, porque feriu um servo quando o devia ter feito ao pontífice que o enviara; errou na pontaria, porque em vez de lhe cortar a orelha devia-lhe ter cortado o pescoço; equivocou-se no sistema, pois utilizou a espada em lugar da inteligência, do amor e de outras forças do espírito; enganou-se na visão, porquanto tentou opôr-se a um facto inevitável, necessário, como o da morte de Jesus.”

No caminho que Cristo percorreu do Getsemane até ao Gólgota, repetimos, confrontaram-se o amor e o ódio. A princípio a vitória inclinou-se para o ódio, mas finalmente triunfou o amor. Assim tem sido e continuará ao longo dos séculos. □



Foto por J. B.



O CRISTO QUE PERDOA

—Oscar Mingorance

O tempo, que tudo esquece, tem levado após si gerações que se perdem no passado. Grandes homens e seus impérios desapareceram; metrópoles de ontem, são hoje meras recordações.

No entanto, apesar de decorridos vinte séculos após os acontecimentos dramáticos do Calvário, a paixão de Cristo continua a ser recordada, como se o tempo não tivesse passado. Ano após ano, milhares de cristãos de todas as latitudes recordam e mantêm viva a Pessoa do Salvador. Embora tenha morrido na cruz, reconhecemos a Sua vitória sobre a morte, dando-nos assim a certeza da vida eterna pelo perdão dos nossos pecados.

Nunca pessoa alguma suscitou tantos comentários como Cristo. Têm-se escrito numerosos volumes sobre a Sua vida, paixão e morte.

Contudo, o homem discorda em parte quanto a um juízo unânime sobre a Sua pessoa. Para alguns foi mais um de tantos mestres religiosos. Para outros, um filósofo semi-divino que superou com Sua doutrina, os maiores sábios da antiga Grécia. Os fariseus acusavam-no de enganar as multidões. Há quem O reconheça como grande idealista. Mas, para nós, Jesus Cristo foi o Verbo de Deus encarnado.

Todos concordam em reconhecer a Sua bondade, jamais igualada por homem algum. Sua figura eleva-se e resplandece com auréola que o tempo não consegue desfazer. Mas onde Sua personalidade sobressai extraordinariamente é no patíbulo do Calvário.

Aí, a solidão de Jesus Cristo não é a de um idealista, de chefe religioso ou de filósofo. É a do Cristo profetizado por Isaías cerca de 800 anos antes: angustiado, açotado, escarnecido e silencioso diante dos algozes. Que é que O torna grande e sublime? A Sua submissão como Cordeiro Pascal imolado para remissão dos nossos pecados.

Trata-se de Jesus Cristo que perdoa. No cumprimento da Sua missão sorve até à última gota o cálice de sofrimento. Assim, ao mostrar na cruz a essência de Deus, o fundamento do cristianismo, estabeleceu uma ponte entre Deus e o homem, e dos homens entre si: a do perdão. Compadecido dos soldados romanos e dos judeus, legou-nos as palavras maravilhosas que têm ecoado através de vinte séculos: "Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem" (Lucas 23:34). Se Deus perdoa... que faremos nós? Este é o nosso Senhor Jesus Cristo que perdoa.

No Calvário tudo se consumou para a salvação dos homens. A barreira que separava os judeus dos gentios foi derrubada. Já não haverá necessidade de sacrifícios imperfeitos. As nações pagãs podem apelar para o sacrifício da cruz no monte Calvário, pois também acham nele a sua salvação. Cristo, que você e eu conhecemos como nosso Salvador, não só se sacrificou por nós, mas também por homens e mulheres que compartilham conosco este planeta. □

Tornaram-se populares dois conceitos errados sobre a plenitude do Espírito. Um diz que ela só se obtém por *processo gradual* de crescimento espiritual. As Escrituras e a experiência apoiam que certos passos na vida do crente nascido de novo preparam-nos para o batismo com o Espírito Santo. Não podemos crescer até ao mais profundo da vida espiritual. Em breve descobriremos a presença da natureza carnal e a necessidade de purificação divina. Ao buscar a pureza interior recebemos o Espírito Santo na Sua plenitude. Esta segunda obra da graça é uma experiência definida e brota dum crise por que passamos.

O outro conceito equivocado considera unicamente como *crise* a vida cheia do Espírito. Resulta num estado fixo e definitivo para além do qual não há lugar a crescimento. *A vida cheia do Espírito é tanto uma crise como um processo.* Depois da santificação o crente cresce na graça até alcançar madureza espiritual. Como Paulo, devemos prosseguir até a alcançar (Filipenses 3:12).

A vida de plenitude é, primeiramente, uma relação com o Espírito Santo. Na medida que mantivermos esta relação, Ele nos purificará e concederá poder. Perdida esta relação, ficaremos em perigo espiritual.

Conserva-se a plenitude do Espírito da mesma forma como é recebida: (1) por auto-submissão e (2) por fé. O acto inicial torna-se atitude perene. A crise converte-se num caminhar constante. Como a santidade, também a auto-submissão é uma crise e um processo. Em dado momento fazemos entrega total em consagração da nossa vida. Mas esse acto deve ser seguido de entrega diária. É semelhante à vida conjugal. No altar do matrimónio pronunciamos um "sim" que une o curso de duas vidas. Os casados sabem que há muitos pequenos "sims" que se dizem no decorrer dos anos. Em certo sentido, os cônjuges renovam os seus votos constantemente.

O cristão cheio do Espírito Santo diz, ao encontrar novos motivos de submissão: "Sim, Senhor, também entrego este". Depois do grande "sim" de consagração a Cristo, vem a sua repetição nos pormenores da vida.

Na consagração colocamos a nossa vontade nas mãos de Deus. Mas só se torna efectiva quando surge alguma oportunidade particular. Nesse momento reafirmamos a nossa vontade e decisão a favor do Senhor. À medida que aparecem as crises, o crente renova a sua consagração inicial: "Senhor, nestas circunstâncias especiais, escolho a Tua vontade". O apóstolo João chama a esta experiência "andar na luz" (I João 1:7).

Em segundo lugar, a vida de plenitude tem relação com a fé. Recebemos a plenitude do Espírito por graça, através da fé. Num momento de crise o crente faz entrega completa da sua vida a Deus

e recebe, pela fé, a purificação interior do pecado inato e a subsequente plenitude do Espírito Santo.

Tanto a fé como a consagração são resultado de crise e de processo. A fé implica uma disposição da mente e decisão da vontade.

A tentação procura levar-nos a duvidar da validade da experiência. Intromete-se quando a fé se deixa influenciar pelas emoções. Os nossos sentimentos flutuam de acordo com as circunstâncias, o temperamento e o modo de ser da pessoa.

Entretanto, a fé baseia-se na Palavra de Deus.

Há ainda a tentação da fé depender de manifestações exteriores. Não é qualquer dom particular que nos conduz à plenitude do Espírito. A Bíblia ensina que existem diversos dons e que o Espírito concede-os conforme a Sua vontade. Os dons são secundários. O que importa verdadeiramente é o seu Dador. Não podemos obrigar o Espírito Santo a manifestar-Se desta ou daquela forma. Os dons nem sempre são evidência dum vida cheia do Espírito.

Alguns cristãos duvidam simplesmente porque são tentados. Não distinguem entre tentação e pecado. Jesus foi tentado, mas não pecou. A tentação não é pecado; só o é quando a aceitamos.

Como reagimos, por exemplo, às manifestações de ciúme? Concordamos ou pedimos que o sangue de Cristo nos purifique? Como procedemos com os maus pensamentos que invadem a nossa mente ao contemplar cartazes cinematográficos ou anúncios da televisão? Só há culpa, quando recebem nosso consentimento. Martinho Lutero disse: "Não podemos evitar que as aves voem sobre a nossa cabeça, mas sim proibir-lhes que façam ninho no nosso cabelo".

Que dizer quando a tentação nos surpreende?

Perder a confiança em Deus ou em nós? Em I João 2:1 há provisão de emergência para tais casos.

O apóstolo João fala do pecado voluntário e premeditado. Cometendo-o, atentamos contra a relação com Cristo. Mas João parece referir-se a alguém surpreendido pelo pecado. Então tem um "Advogado" a quem recorrer para perdão.

Eu não levo na bagageira do carro um pneu sobressalente para andar propositadamente por caminhos com objectos cortantes. Antes, guardo-o para casos de emergência. Entretanto, guio com cuidado e desvio-me dos perigos. A provisão de Deus é para casos de emergência e não licença para se pecar continuamente. Muitos se salvariam se, ao falhar involuntariamente, recorressem ao seu "Advogado". É o que significa "andar na luz".

Este é o modo de se conservar a vida na plenitude do Espírito. A santificação obtém-se numa experiência de crise caracterizada pela purificação e o derramamento da plenitude do Espírito Santo, por fé e consagração. Mas conserva-se tal experiência andando na luz. □

se andarmos

na luz...

—C. W. Ellwanger



Foto por J. B.

O salmo do amor

Se sou filólogo,
Se sou teólogo,
Se sou polido
E não tenho amor:
Sou ressonante,
Sou ribombante,
Sou petulante,
Sou sonhador.

Se sou profeta,
Se sou poeta,
Se sou asceta
E não tenho amor:
Sou um farsante,
Sou um pedante,
Sou comediante,
Sou falador.

Se sou bondoso,
Se sou piedoso,
Se sou beato
E não tenho amor:
Sou um fingido,
Sou timorato,
Sou insensato,
Sou um actor.

Quem é sofredor,
Quem é benfeitor,
Quem não se ufana,
Nem julga a outrem;
Quem não ofende,
Quem não provoca:
Esse tem amor.

Quem é humilde,
Quem é confiante,
Quem é prudente
E abona o justo;
Quem é cordato,
Quem não inveja,
É paciente
E é verdadeiro:
Esse tem amor! □

Não mais viagens pela célebre Galileia, não mais milagres realizados, não mais mensagens proferidas. Agora era a vez de cumprir para sempre o plano redentor projectado desde os primeiros dias do homem; e isto implicava para Jesus subir o Calvário.

Mas Calvário sem Getsemane era impossível. Morte sem agonia é suave, mas não para Ele. Contava com uma agonia dolorosa. Seria talvez por essa razão que levou três companheiros dos mais chegados. Morreu no Calvário, mas agonizou no jardim de Getsemane.

Foi lá que Ele viu, de relance, todo o tormento a que seria submetido dias depois: cuspidor, injuriado, açoitado, crucificado entre ladrões. Essa visão a que Ele chamou "cálice" fê-Lo transpirar gotas de sangue enquanto os discípulos dormiam. Entretanto, orou consagradamente: "Pai, não se faça a minha vontade, mas a tua".

O diabo começou a ser derrotado e nós a ter esperança, enquanto Ele orava no jardim. Foi lá ainda que se consumou a traição de um dos Seus discípulos mais chegados, o homem de Kerioth. Foi lá, por fim, que Ele se entregou deliberadamente às mãos dos algozes caminhando para o suplício quando podia chamar mais de doze legiões de anjos para que O defendessem. Simplesmente disse: "Não beberei eu o cálice que o Pai me deu?"

Jesus enfrentou o Getsemane!

Passemos também nós pelo Getsemane. A história de muitas congregações atesta que ainda hoje, Calvário sem Getsemane não resulta. Quantos irmãos tentaram levar sua cruz e seguir a Jesus sem que primeiro passassem pelo jardim da submissão e consagração à vontade Suprema! Para dar solidez à experiência, firmeza à fé, para construir um marco de determinação, temos de penetrar o jardim de Getsemane. Ali, mesmo sozinhos, entre as sombras de árvores e arbustos, quando os nossos companheiros dormem, e ajoelhados entre folhas secas, dizer

como Jesus Cristo: "Não se faça a minha vontade, mas a tua, ó Pai". Só assim seremos vitoriosos e estaremos no grupo dos que ressuscitarão primeiro, porque Ele disse: "Porque eu vivo vós vivereis". □

GETSEMANE

—Mário S. Lima

Foto de Religious News Service



fardo de vitória

—Acácio Pereira

A crucificação incita-nos a uma vida ressuscitada. Como Paulo, não só devemos morrer diariamente para o mundo, mas fazê-lo dezenas de vezes ao dia.

Muitas pessoas enganam-se ao pensar que Jesus se referia ao Calvário quando aconselhou: “Se alguém quiser vir após mim, negue-se a si mesmo, e tome a sua cruz, e siga-me” (Marcos 8:34). Daria ideia de algo afastado, sem grandes possibilidades de se tornar requisito básico. Nessa ocasião, Jesus procurou tocar a corda mais sensível da natureza humana com todas as suas fraquezas, tentações e limites.

É uma cruz reconhecer a nossa insuficiência e fragilidade. Mas, precisamos de morrer nela para chegar a uma porta de poder e de vitória.

O apóstolo Pedro era um homem impetuoso, de arrebatos entusiastas, com um coração ardente, mas demasiado confiante em si mesmo; tão pronto a desembainhar a espada, como a titubear negando o Mestre perante as insinuações duma criada. Entretanto, o olhar de Jesus penetrou até ao mais íntimo do Apóstolo e lágrimas de arrependimento regaram a sua face e purificaram o seu coração. Quando Jesus lhe perguntou: “Simão, filho de Jonas, amas-me?” Ele estava pronto a declarar: “Sim, Senhor; tu sabes que te amo” (João 21:16).

Levemos com bom ânimo a nossa cruz em sintonia com o Mestre; com a mesma disposição, dignidade, coragem e humildade. Jesus Cristo aceitou a Sua cruz no tempo e do modo marcado pelo Pai. Era a única escolha. Antes anunciara: “Eu vos dei o exemplo, para que, como eu fiz, façais vós também” (João 13:15). Ele não examinou o tamanho ou o peso da cruz, abraçou-a. Não atentou na crueldade dos algozes, mas no amor do Pai e na resultante salvação dos povos.

Continua firme o requisito do Mestre. A cruz do fiel é mais que enfeite dourado a adornar o peito ou a parede. É companheira diária na peregrinação que leva do mundo onde reina a dor, para a morada celeste onde, finalmente, seremos libertos de todas as aflições da servidão humana. □



Deseja receber **O ARAUTO DA SANTIDADE?**
Faça **HOJE** a sua assinatura! Se é assinante e mudou de residência, dê-nos o

Endereço antigo

Nome _____

Endereço _____

NOVO ENDEREÇO

vida depois da morte

Ultimamente, alguns cientistas de fama deram-se a investigações e se convenceram de que a vida humana não termina com a morte física. Afirmam que a consciência do indivíduo continua a existir.

Nós, cristãos, cremos na vida depois da morte. A nossa fé não se baseia na qualidade do carácter humano (demasiado bom para ser finalmente destruído) ou na imortalidade da alma (centelha do divino que regressa à sua origem).

A base da nossa fé está na ressurreição de Jesus Cristo, de quem testemunha o Novo Testamento. Porque Ele vive, também nós viveremos (João 14:19). Jesus venceu a morte; agora, ela não conseguirá destruir-nos. Ele dá-nos vida eterna; por isso, nem a própria morte nos poderá separar do amor de Deus que há em Cristo.

A ressurreição do Senhor nos assegura o presente e mostra que espécie de vida teremos na eternidade. Será de ordem superior à natural, onde não haverá pecado, nem dor, nem aflição. Como será glorioso viver em perfeita harmonia com Cristo e para sempre! Lá não existirão guerras nem crimes. Não precisaremos de cadeias, hospitais ou cemitérios.

A nova criação iniciou-se com a ressurreição de Jesus. Este princípio alcançará vigor quando Cristo voltar de novo.

Então os mortos ressuscitarão e o reino de Deus—reino de amor e de serviço—será revelado completamente e para sempre.

A ressurreição de Jesus Cristo significa vida no presente e no porvir. Assim como há vida após o nascimento, também a teremos depois da morte. A vida eterna de comunhão com Deus, de vitória sobre o pecado, é a experiência presente dos que crêem no Senhor.

Na nova vida espiritual defrontaremos enfermidades e fraquezas deste "presente século mau"; mas vencê-las-emos pela graça de Deus.

Este triunfo anuncia a futura e perfeita liberdade do povo de Deus. □

—W. E. McCumber



Recorte e envie este cupão à CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES. Nos E.U.A., P.O. Box 527, Kansas City, Missouri, 64141. No BRASIL, C.P. 1008, 13.100—Campinas, SP. Em CABO VERDE, C.P. 60, Mindelo, São Vicente. Em PORTUGAL, R. Castilho, 209, 5º E., Lisboa-1.

Para uma assinatura, envie a importância de US\$2.00 (ou o equivalente na moeda dos países de expressão portuguesa) para qualquer dos endereços acima indicados.



como árvore . . .

Tu Cristão, como boa árvore, lança as tuas raízes profundas e fortes; enterra-as na Palavra de Deus para que os ventos e as tempestades que, indubitavelmente, hão de açoitar a vida, não te derribem e morras.

Cristão, sê árvore fecunda, dá frutos para alimentar os que te rodeiam. Produz frutos para que eles, por ti, glorifiquem a Deus. Não os dêes pequenos e ácidos, mas grandes e doces, para deliciar outros; tu te sentirás feliz por isso.

Cristão, não sejas árvore estéril; reproduze-te noutro cristão; produz por teu testemunho e por teu labor, ao menos um; mais precioso será se produzires um grupo deles.

Cristão, adorna com flores multicores o local onde te encontras. Deixa-as cair por onde passas, suavizando o caminho para os muitos peregrinos que vão pela senda da vida. Espalha-as pelo ar e perfuma o ambiente, pois mais bem-aventurada coisa é dar que receber . . .

Cristão, sê como o sândalo, que perfuma o machado que o fere: paga com o bem o mal que te façam e assim cumprirás a Lei de Deus.

Cristão que a Cristo tens negado e te encontras neste mundo sem fé e sem esperança, jazes como o tronco aparentemente seco; busca o rocío do céu e bebe, de novo, a água da vida que reverdece.

Finalmente, Cristão, como a árvore flagelada pela seca, anseia pelas chuvas benfazejas . . . as chuvas de graça e de bênção que trarão o avivamento espiritual. □

—De "Testemunho"

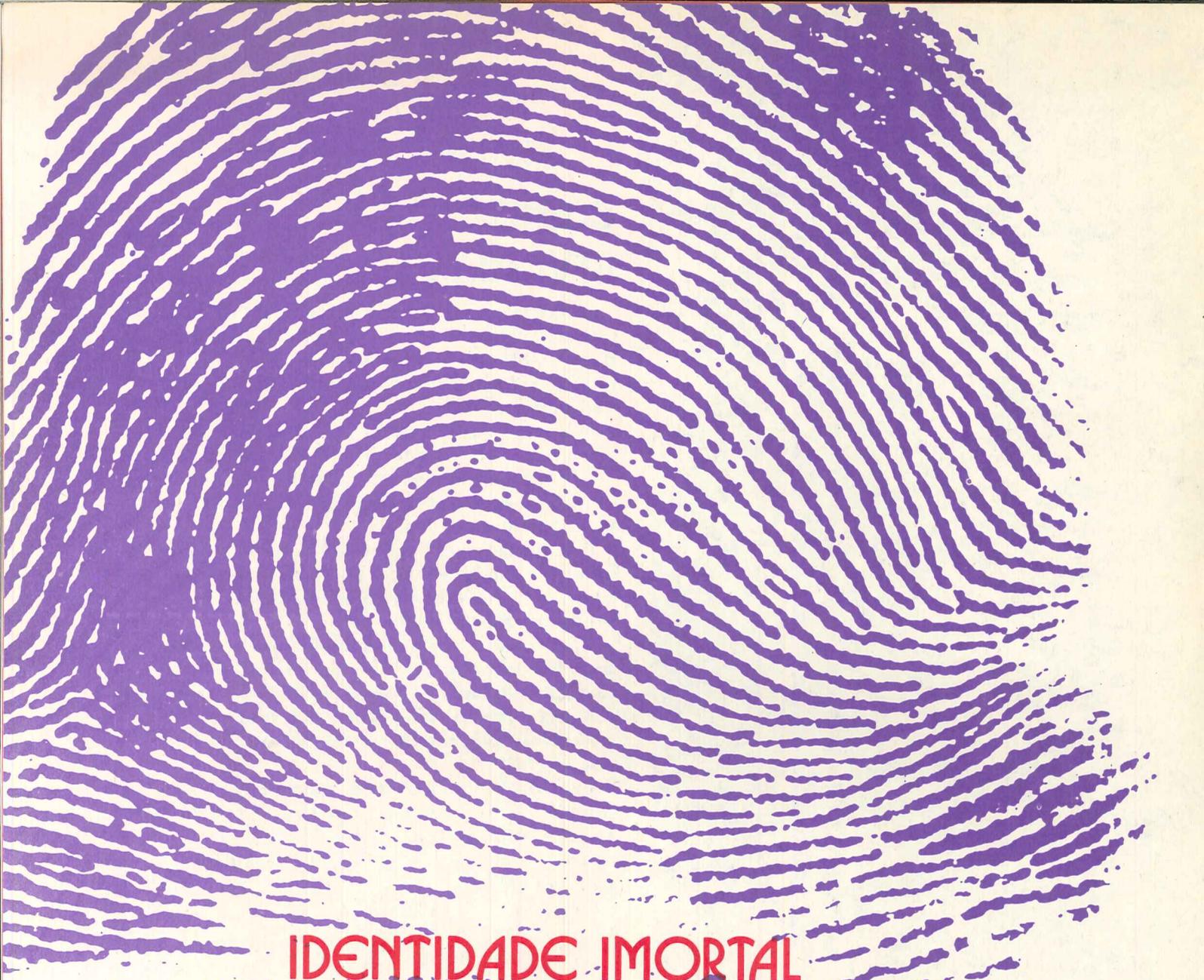
Foto por Paul M. Schrock



IGREJA DO NAZARENO

Oferta de Páscoa

*dê com
generosidade*



IDENTIDADE IMORTAL

—Fletcher Galloway

Um líder de fama mundial disse algures: "Conto ter força e virtude para manter o título que considero mais invejável: o carácter de homem honesto".

Nós cremos na graça divina "porque todos pecaram e destituídos estão da glória de Deus" (Romanos 3:23). Mas o serviço que podemos prestar no reino de Deus depende do nosso carácter.

Somos salvos e santificados num momento, mas necessitamos da vida inteira para formar um carácter forte e maduro.

O único bem que levarei comigo para a eternidade será o meu carácter, aquilo que me identi-

fica. O corpo converter-se-á em pó e as minhas posses terrenas ficarão aqui. Só o meu carácter viverá para sempre, como minha identidade imortal.

Paulo disse: "Irmãos, quanto a mim, não julgo que haja alcançado; mas uma coisa faço, e é que, esquecendo-me das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de mim, prosigo para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus... para o que fui também preso por Cristo Jesus" (Filipenses 3:13, 14, 12).

Pedro deu instruções específicas para o desenvolvimento do

carácter: "Vós, também, pondo nisto toda a diligência, acrescentai à vossa fé a virtude, e à virtude a ciência... porque, fazendo isto, nunca jamais tropeçareis; porque assim vos será amplamente concedida a entrada no reino eterno do nosso Senhor e Salvador, Jesus Cristo" (II Pedro 1:5-8, 10-11).

O desenvolvimento do carácter cristão não depende do homem ser rico ou de fama. Certo dia Jesus deteve-Se a observar aqueles que depositavam suas ofertas na caixa do tesouro do templo. Uma pobre viúva ofereceu duas pequenas moedas. Tudo

quanto tinha. Jesus louvou-a como a oferta mais generosa.

Quem serão os melhores cristãos? Não são necessariamente aqueles que possuem grandes talentos, eloquência ou riqueza.

O mundo poderia sobreviver sem as cataratas do Niágara com seu ruído estrondoso e sua grandeza majestosa. Mas seria um planeta estéril sem os milhares de ribeiros e rios que deslizam para o mar serpenteando por toda a superfície da terra, dando-lhe vida, vegetação e beleza.

A Igreja de Jesus Cristo compõe-se de milhares de pessoas dedicadas, cujos nomes não aparecem nos cabeçalhos dos jornais, mas a sua fé profunda, a sua integridade e espírito cristão formam o corpo de Cristo que tem produzido impacto na história humana.

Obstáculos e desvantagens não constituem impedimento para o carácter; antes, são degraus firmes para o seu prosseguimento. Abraham Lincoln nasceu na pobreza, topou com muitos problemas na juventude e viveu numa das maiores crises da história do seu país. No entanto, chegou a ser um dos presidentes mais admirados no mundo. J. B. Chapman, antigo superintendente geral costumava dizer: "Falamos constantemente do nosso mundo tão diabólico, mas ele é ideal para o propósito de Deus—desenvolvimento do nosso carácter".

Deus depositou nas mãos dos pais uma dádiva preciosa: a oportunidade de dar aos filhos base sólida para a formação do carácter. Um lar cristão onde reina atmosfera de amor, de respeito mútuo e de responsabilidade, é a instituição ideal para o seu desenvolvimento.

Um bom carácter é fruto de vida altruísta: nas suas acções, palavras, pensamentos, perdão, nobreza, compaixão, amor, sacrifício, luta contra a tentação e completa consagração a Deus. Tudo junto, como as aguarelas dum quadro, modelam e revelam o carácter dum homem. □

A VIDA CENTRAL DE TODOS OS SÉCULOS

JESUS

Nasceu numa pequena cidade, filho de mulher humilde.

Cresceu numa vila onde trabalhou como carpinteiro até à idade de 30 anos. Depois ensinou, pregou o Evangelho e curou enfermidades.

Nunca escreveu um livro.

Nunca teve um escritório.

Não estabeleceu família nem lar.

Não frequentou qualquer universidade.

Nunca visitou cidades famosas.

Nunca viajou mais de 320 quilómetros para além do local do Seu nascimento.

Nada fez que se relacionasse com a grandeza deste mundo.

Jamais apresentou credenciais, porque não as tinha; Ele era Sua própria credencial.

Com apenas 30 anos de idade viu a opinião pública voltar-se contra Ele.

Seus amigos fugiram.

Entregue aos inimigos, sujeitou-Se à zombaria de um julgamento.

Foi pregado numa cruz entre dois ladrões.

Enquanto agonizava, algozes deitaram sortes sobre a Sua túnica, única pertença Sua deste mundo.

Quando morreu, foi sepultado num túmulo emprestado, gentileza dum amigo.

Passados quase vinte séculos, tornou-Se a figura central da humanidade e guia do progresso do homem.

Nem todos os exércitos em marcha, nem todas as esquadras em manobras, nem todos os parlamentos em sessão, nem todos os monarcas reinando, terão afectado tanto a existência humana sobre a terra, como esta vida central de todos os séculos: JESUS CRISTO. □

JESUS É MEU AMIGO

—Livro internacional em 8 línguas:
Portuguesa

Francesa

Espanhola

Inglesa

Coreana

Chinesa

Japonesa

Alemã

Uma obra única!

- 26 lições bíblicas para Escolas Dominicais, começo de novos trabalhos, evangelização da infância, Escolas Bíblicas de Férias, etc.
- Todas as instruções e textos em oito línguas.
- Dimensões: 25,5 x 30 cm.
- Encadernação espiral, metálica, para facilitar a apresentação à classe de 26 lindos quadros bíblicos (a cores!) de beleza extraordinária.
- Instruções em símbolos universais, para os trabalhos práticos de cada lição.
- Selecção criteriosa de temas, de molde a apresentar Jesus como Amigo pessoal.
- Impressão esmerada em papel especial.



FAÇA HOJE A SUA ENCOMENDA À
CASA NAZARENA DE PUBLICAÇÕES
Preço: US\$5.00